

I Colóquio “Visões da Antiguidade”

Livro de Resumos

Paulo Martins
Henrique Cairus
João Angelo Oliva Neto
(organizadores)



2010

ISBN: 978-85-7506-179-4

Todos os direitos reservados ao
Programa de Pós-Graduação em
Letras Clássicas
da Faculdade de Filosofia, Letras e
Ciências Humanas da
Universidade de São Paulo
Av. Prof. Luciano Gualberto, 403-
São Paulo/SP - 05508-900 - Brasil

Imagem da Capa

O **Heracles Papyrus** (Oxford, Sackler Library, Oxyrhynchus Pap. 2331) é um fragmento do século III de um poema sobre os trabalhos de Hércules. Está contido no papiro 3 desenhos do primeiro trabalho.

Universidade de São Paulo

Reitor

Prof. Dr. João Grandino Rodas

Pró-Reitor de Pós-graduação

Prof. Dr. Vahan Agopyan

Pró-Reitor de Pesquisa

Prof. Dr. Marco Antonio Zago

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas

Diretora

Profa. Dra. Sandra Margarida Nitrini

Vice-Diretor

Prof. Dr. Modesto Florenzano

Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas

Prof. Dr. Paulo Martins – Coordenador
Prof. Dr. André Malta Campos – Vice-Coordenador

Grupos de Pesquisa

Proaera – Programa de Altos

Estudos sobre Representações da Antiguidade – UFRJ –

www.lettras.ufrj.br/proaera

Coordenador: Prof. Dr. Henrique Cairus

***Verbum Vertere* – Estudos de Poética, Tradução e História da Tradução de Textos Latinos e Gregos – USP –**

www.usp.br/verve

Coordenador: Prof. Dr. João Angelo Oliva Neto

IAC – Imagens da Antiguidade

Clássica – USP – www.usp.br/iac

Coordenador: Prof. Dr. Paulo Martins

M386s Martins, Paulo; Cairus, H. F. e Oliva Neto, J. A. (org.)

I Colóquio “Visões da Antiguidade” – Livro de Resumos. 2010
29p.

Livro de Resumos (I Colóquio “Visões da Antiguidade” – Livro de Resumos) – DLCV/Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. IAC – Imagens da Antiguidade Clássica – IAC/USP; *Verbum Vertere* – Estudos de Poética, Tradução e História da Tradução de Textos Latinos e Gregos – VerVe/USP; Proaera – Programa de Altos Estudos sobre Representações da Antiguidade – UFRJ

1. Letras Clássicas. 2. Línguas Clássicas. 3. Literatura Grega e Latina

I. Título.

CDU - 870
880

ISBN: 978-85-7506-179-4

I Colóquio “Visões da Antiguidade”

Livro de Resumos

Paulo Martins
Henrique Cairus
João Angelo Oliva Neto
(organizadores)

**Universidade de São Paulo
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas
Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas**

2010

Índice

Índice.....	4
Apresentação.....	5
Programação.....	7
Títulos e Sessões.....	8
Resumos	12
Anotações	25

Apresentação

O I Colóquio “Visões da Antiguidade” é promovido por três grupos de Pesquisa, a saber: IAC (Imagens da Antiguidade Clássica), VerVe (*Verbum Vertere*) e Proaera (Programa de Altos Estudos em Representações da Antiguidade) e nasce com o intuito de verticalizar e disseminar pesquisas cujo cerne apresente, em alguma medida, aspectos relativos às representações e às imagens verbais e não-verbais da Antiguidade Clássica. Nesse escopo, podemos incluir não só imagens, digamos, plásticas – estatuária, pintura (vascular ou parietal), numismática, arte das *tessarae*, dos *intaglios*, dos relevos etc. – assim contempladas em todos os seus meios, como aquelas que são construídas verbalmente, ora como tradução da linguagem iconográfica para linguagem verbal, ora como verbalização da *φαντασία* letrada.

A organização do evento está dividida em três grandes grupos de apresentação: O primeiro composto por professores doutores e/ou por professores doutorandos que apresentam o desenvolvimento de sua pesquisa ou pelo menos parte dela; o segundo composto por mestres/mestrandos e o último grupo, mas não menos importante, que aglutina pesquisadores que irão apresentar suas pesquisas de pré-projeto de mestrado ou pesquisa de Iniciação Científica em curso ou já terminada.

O colóquio pressupõe mais do que uma simples apresentação protocolar de textos, um acrescentar linhas ao currículo Lattes, um “bate-papo” consigo mesmo em que alteridade é desconsiderada não só pelo agente do discurso, o pesquisador, como também pelos pacientes do mesmo discurso os quais fingem ouvi-lo; antes se pretende como espaço diferenciado de transferência

de conhecimento, de inter-relação dos pesquisadores, de troca de experiências e de leituras, enfim, como lugar que deveria singularizar as grandes Universidades do Brasil *a priori*.

O nosso colóquio é pensado, portanto, como *sermones*, diálogos, discussões agonísticas, conversas *inter pares* que visam a ampliar a transmissão do conhecimento e do saber, numa tentativa, que esperamos frutífera, de contrariar a prática acadêmica estéril de nossas universidades.

Henrique Fortuna Cairus
João Angelo Oliva Neto
Paulo Martins

Programação

	Dia 28 de julho	Dia 29 de Julho	Dia 30 de Julho
Manhã – 9:00 h às 12:00 Palestras e Debates	1. Prof. Dr. Paulo Martins (USP/IAC/Proaera)	8. Prof. Dr. Henrique Cairus (UFRJ/Proaera)	14. Prof. Dr. João Angelo Oliva Neto (USP/IAC/VerVe)
	2. Prof. Dr. Alexandre Pinheiro Hasegawa (USP/VerVe)	9. Profa. Dra. Marly de Bari Matos (DLCV/USP)	15. Prof. Dr. Roberto Bolzani Filho (DF/USP)
	3. Rosângela Santoro de Souza Amato (USP/IAC)	10. Prof. Fábio Paifer Cairolli (VerVe/USP)	16. Profa. Melina Rodolpho (USP/IAC)
	ALMOÇO	ALMOÇO	ALMOÇO
Tarde – 14:00 h às 17:00 Palestras e Debates	4. Prof. Alexandre Agnolon (UFOP/VerVe)	11. Profa. Irene Cristina Boschiero (USP/IAC)	17. Profa. Julieta Alsina (UFRJ/Proaera)
	5. Profa. Cecília Gonçalves Lopes (USP/IAC/VerVe)	12. Cynthia Helena Dibbern (USP/IAC)	18. Denise de Souza Ablas (USP/IAC)
	6. Henrique Fiebig (USP/IAC)	13. Gdalva Maria da Conceição (USP/IAC)	19. Anna Carolina Barone (USP/IAC/VerVe)
	7. Lya Grizzo Serignolli (USP/IAC)		20. Simone Demboski Tonidandel (USP/IAC)
A partir das 20:00h			CONFRATERNIZAÇÃO ENTRE OS PALESTRANTES

Títulos e Sessões

Local

Sala 260 – Prédio de Letras – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências
Humanas da Universidade de São Paulo.
Av. Prof. Luciano Gualberto, 403
Cidade Universitária – SP - SP

INFORMAÇÕES
www.usp.br/iac
iac@usp.br

DIA 28 DE JULHO - MANHÃ

9:00 – 9:45

Prof. Dr. Paulo Martins (USP/IAC) – **Coordenador de Sessão**
***Reflexões sobre a observação e a análise de imagens da Antiguidade
Clássica***

9:45 – 10:30

Prof. Alexandre Pinheiro Hasegawa (USP/VerVe)
A imagem de Flaco no livro dos Epodos

INTERVALO

10:45 – 11:30

Profa. Melina Rodolpho (USP/IAC)
Écfrase: A construção da imagem verbal

11:30 – 12:00 - debates

DIA 28 DE JULHO - TARDE

14:00 – 14:30

Prof. Alexandre Agnolon (UFOP/USP/VerVe) – **Coordenador de Sessão**
Práticas fisiognômicas em epigramas de Marcial

14:30 – 15:00

Profa. Cecília Gonçalves Lopes (USP/IAC/VerVe)

Uma leitura metapoética de Amores, 1.15 - o retrato da elegia

INTERVALO

15:15 – 15:45

Henrique Fiebig (USP/IAC)

Monumenta uerbalia: uma análise do corpus latino da obra “As fontes escritas antigas para uma história das artes plásticas entre os gregos” de Johannes Adolf Overbeck

15:45 – 16:15

Lya Grizzo Serignolli (USP/IAC)

Uma figuração do Amor: Militia Amoris

16:15 – 17:00 - Debates

DIA 29 DE JULHO - MANHÃ

9:00 – 9:45

Prof. Dr. Henrique Cairus (UFRJ/PROAREA) – **Coordenador de Sessão**
De uisu hipocrático: o mundo nos olhos

9:45 – 10:30

Profa. Dra. Marly de Bari Matos (PPGLC/USP)

A imagem da criança e uma criança destituída de imagem: considerações sobre a infância nas cartas de Plínio o Jovem.

INTERVALO

10:45 – 11:30

Prof. Fábio Paifer Cairolli (USP/VerVe)

A imagem do imperador em Marcial e em moedas de seu tempo

11:30 – 12:00 - Debates

Dia 29 de Julho - Tarde

14:00 – 14:30

Profa. Irene Cristina Boschiero (USP/IAC) – **Coordenadora de Sessão**
As Imagens do poeta em Horácio

14:30 – 15:00

Rosângela Santoro de Souza Amato (USP/IAC/VerVe)
Eikones de Filóstrato, o velho: um método

INTERVALO

15:15 – 15:45

Cynthia Helena Dibbern (USP/IAC)
O retrato de Aníbal entre dois gêneros historiográficos: reflexões sobre a construção de seu éthos em Nepos e em Tito Lívio

15:45 – 16:15

Gdalva Maria da Conceição (USP/IAC)
O retrato de Júlio César por ele mesmo

16:15 – 17:00 - Debates

DIA 30 DE JULHO MANHÃ

9:00 – 9:45

Prof. Dr. João Angelo Oliva Neto (USP/IAC/VerVe) – **Coordenador de Sessão**
Bibliopoemas: a poesia prevista

9:45 – 10:30

Prof. Dr. Roberto Bolzani Filho (PPGF/DF/USP)
As imagens de Sócrates

INTERVALO

10:45 – 11:30

Prof. Dr. Adriano Scatolin (PPGLC/DLCV/USP)

A auctoritas no De Oratore de Cícero

11:30 – 12:00 - Debates

DIA 30 DE JULHO - TARDE

14:00 – 14:30

Julietta Alsina (UFRJ/Proaera) – **Coordenadora de Sessão**

A discreta écfrase dietética: a descrição hipocrática do alimento

14:30 – 15:00

Denise de Souza Ablas (USP/IAC)

A paixão segundo Dido

INTERVALO

15:15 – 15:45

Anna Carolina Barone (USP/IAC/VerVe)

Uma reflexão tradutológica sobre as formas de nomear objetos de arte no De signis de Cícero

15:45 – 16:15

Simone Demboski Tonidandel (USP/IAC)

A Imagem de Lívía Drusila/ Júlia Augusta em Tácito

16: 15 – 17:00 - Debates

Resumos

PROF. DR. ADRIANO SCATOLIN
PPGLC/USP

A auctoritas no De Oratore de Cícero

Esta palestra apresenta as estratégias utilizadas por Cícero em seu *De oratore* para conferir *auctoritas* a suas personagens e a seu escrito. Para tal, analisam-se as passagens polêmicas da obra, em que seus protagonistas criticam o tratamento apresentado pelos *scriptores artium* em seus manuais, bem como aquelas em que, direta ou obliquamente, as personagens apontam as supostas fontes de que se teria servido o Arpinate para a escrita do *De oratore*.

PROF. ALEXANDRE AGNOLON
VerVe/USP/UFOP/ Doutorando

Orientador: João Angelo Oliva Neto

Práticas fisiognomônicas em epigramas de Marcial

O presente trabalho tem como objetivo principal perceber a repercussão, em epigramas invectivos do poeta latino Marcial, de procedimentos descritivos presentes em tratados de Fisiognomonía antigos. Uma vez que a descrição não é entre os antigos procedimento natural da linguagem, mas estratégia prescrita pela tradição retórica e poética, buscar-se-á observar de que maneira as lições fisiognomônicas se associam à descrição que, segundo diversos tratados antigos como a *Retórica a Herênio* e *Instituições Oratórias*, é técnica elocutiva cara à retórica judicial e epidítica, já que que mediante processos visualizantes é capaz de pintar paixões, ações e caracteres, gerando por seu turno terror e indignação, piedade e comiseração.

PROF. ALEXANDRE PINHEIRO HASEGAWA
VerVe/USP/ Doutorando

Orientador: João Angelo Oliva Neto

A imagem de Flaco no livro dos Epodos

Ao abrir sua coleção epódica, Horácio declara ser pacífico e pouco firme (*epod. 1, 16: imbellis ac firmus parum*). Essa fraqueza inicial repercute em outros poemas do livro, como no *epod. 3*, em que seu fraco estômago não suporta o alho, ou ainda no *epod. 12*, em que, por meio de litote, declara à velha ser jovem não firme (v. 3: *...nec firmo iuueni...*). À fraqueza de Flaco está relacionada a *mollis inertia* do *epod. 14* que o impede de conduzir ao fim sua recolha iâmbica (*epod. 14, 7-8: inceptos, olim promissum carmen, iambos / ad umbilicum adducere*). Este retrato termina (*epod. 17*) com a sujeição do poeta às artes mágicas do maior alvo das invectivas horacianas, a feiticeira Canídia. Da descrição de impotência do poeta passaremos à implicação desta imagem em um livro cujo modelo é o potente Arquíloco, que leva, por meio de seus violentos versos, os adversários à morte.

ANNA CAROLINA BARONE
VerVe/IAC /USP/ IC

Orientador: Prof. Dr. João Angelo Oliva Neto

Uma reflexão tradutológica sobre as formas de nomear objetos de arte no De signis de Cícero

Embora haja diferentes culturas, e tão distantes no tempo-espço, existe a possibilidade da tradução: a linguagem permite a compreensão do diferente. De acordo com o ponto de vista adotado em meu trabalho, a língua materna não aprisionaria o pensamento do falante – serviria como referencial flexível para pensamentos novos e, por que não, de novas culturas. De um lado há um léxico consolidado, que permite uma apreensão relativamente pronta de aspectos do mundo (mas também possui flexibilidade); de outro, há, abrindo caminho para aspectos novos e novas nuances do mundo, a sintaxe e o texto.

Se os objetos de arte referidos por Cícero em *De signis*, o livro IV do *Segundo Discurso contra Verres*, nos são desconhecidos e se, além disso, recebem certos recortes formais (Hjelmslev) e tons discursivos (Bakhtin) na língua e na cultura latina diferentes dos da língua portuguesa e de nossa cultura, não haveria um caminho sintático-textual que desse conta da tradução/compreensão dessas diferenças? E se a preocupação com os nomes dos objetos e a forma de traduzi-los for considerada junto de uma outra: a preocupação com as redondezas sintático-textuais desses nomes? Direcionar o olhar para lugares mais distantes do foco do problema poderia ajudar a resolvê-lo e, quem sabe, contribuir para o estudo de uma possível tecnicidade dos termos latinos referentes às obra de arte.

PROFA. CECÍLIA GONÇALVES LOPES
IAC/VerVe /USP/Doutoranda

Orientador: Paulo Martins

Uma leitura metapoética de Amores, 1.15 - o retrato da elegia

O objetivo deste trabalho é apresentar o poema I.5 dos *Amores* de Ovídio como explicação de sua poética referente à Elegia Erótica Romana.

Nosso intuito é mostrar que, longe de apenas seguir as convenções que vinham sendo utilizadas por Propércio e Tibulo, Ovídio quer mostrar a Elegia como ela realmente é, e faz isso por meio da exposição das regras, do desafio aos limites, da confluência de normas, do tornar seu leitor / ouvinte, consequentemente, capaz de perceber o que há por trás das regras dos gêneros. E o interessante é que tudo pode ser percebido nos poucos versos que compõem esse poema dos *Amores*.

Assim, por exemplo, Corina, a *puella* responsável pela felicidade e pelas dores de seu amante, aparece apenas no poema que estudaremos (ao contrário, por exemplo, da Cíntia de Propércio, que surge logo em I.1). Não é ela a figura mais importante na poesia elegíaca de Ovídio – que, até esse momento, não se descreve completamente apaixonado ou prestes a realizar qualquer coisa por amor. Sua paixão é a poesia, é ela a razão de sua existência. E ele a quer clara, sem disfarces, à luz do dia – assim como vemos Corina pela primeira vez.

CYNTHIA HELENA DIBBERN
IAC/USP/ Pré-mestrado

Orientador: Paulo Martins

O retrato de Aníbal entre dois gêneros historiográficos

Este modesto trabalho propõe-se a analisar alguns aspectos da construção do retrato de Aníbal em duas obras de gêneros historiográficos distintos: *Ab Vrbe Condita*, de Tito-Lívio, e *Liber de Excellentibus Ducibus Exterarum Gentium*, de Cornélio Nepos. A primeira, pertencente ao gênero *história*, tem, por objeto as *res* do povo romano, ao passo que outra, obra de um escritor de *bíos*, dedica-se à *vita* do general, narrando os acontecimentos de maneira sumária e selecionada, de acordo com o retrato virtuoso a ser pintado. Em Lívio, apesar da preocupação do historiador em narrar detalhadamente os acontecimentos, há também a construção ficcional e imagética do *éthos* do general através de diversos procedimentos retóricos, de maneira a construir um retrato de acordo com a concepção histórica liviana que associa a moral à Fortuna. Na *Vida* de Aníbal não há o mesmo rigor cronológico na narrativa dos acontecimentos, e o retrato construído é positivo, quase todo composto de elogios, sendo que as ações descritas com mais detalhes e atenção são aquelas que deixam transparecer a imagem do grande estrategista. Já o retrato construído por Lívio é mais complexo, compreendido de censuras e elogios. Poderíamos comparar o retrato nepotiano a um busto, monumento em homenagem a um homem ilustre e virtuoso, ao passo que o retrato construído por Lívio poderia ser associado a uma grande pintura nas paredes de um templo, na qual Aníbal aparece como protagonista em boa parte das imagens dos acontecimentos do povo romano, e muitas vezes focado de tal forma que podemos conhecer seu caráter.

DENISE DE SOUZA ABLAS
IAC/USP/IC
Bolsa da Pró-Reitoria de Pesquisa USP

Orientador: Paulo Martins

A paixão segundo Dido

Este trabalho pretende apresentar uma leitura da “Heróide VII” – Carta de Dido a Enéias –, de Ovídio, sob o ponto de vista do gênero elegíaco e, juntamente com isso, levantar alguns elementos que favoreçam a releitura do Livro IV da *Eneida* de Virgílio, já que o fato de a citada Heróide aludir tão ostensivamente à épica de Virgílio obriga o leitor à dupla leitura, à busca de citações da *Eneida* e de co-incidências e ecos na carta de Dido escrita por Ovídio.

PROF. FÁBIO PAIFER CAIROLI
VerVe/USP/ Doutorando

Orientador: João Angelo Oliva Neto

A imagem do imperador em Marcial e em moedas de seu tempo

O objetivo deste trabalho é analisar a construção do poder imperial de Domiciano nos nove primeiros livros de *Epigramas*, de Marcial (c. 40 – c. 105 d.C.). Para tanto, levantaremos o *éthos* do imperador nos epigramas em que o poeta se dirige ao governante ou comenta suas ações. Com isso, pretende-se sistematizar os procedimentos de construção da imagem do imperador. A isto, acrescentaremos a leitura de moedas produzidas durante o governo daquele imperador, apontando eventuais homologias entre os epigramas, o discurso ‘oficial’ e preceptivas que tratem do elogio ao governante.

GDALVA MARIA DA CONCEIÇÃO
IAC/USP/IC

Orientador: Paulo Martins

O retrato de Júlio César por ele mesmo

Este estudo objetiva observar relatos de acontecimentos ocorridos na guerra civil romana, da segunda metade do I séc. a.C., descritos na obra *A Guerra Civil (Bellum Civile)*, escrita por Júlio César em forma de Comentários (*Commentarii*), nos quais o próprio César esteve envolvido ou como principal protagonista ou apenas como narrador. O critério utilizado para a análise será o exame de alguns procedimentos compositivos utilizados pelo autor na construção da mensagem que deseja veicular. Por meio desse exame pretende-se entender como ele se coloca em sua obra, outorgando-lhe uma *finalitas*, que opera como moldura do retrato que ele pinta dele mesmo, produzido a partir de elementos, implícitos ou explícitos da narrativa, em que ele parece projetar-se como libertador do povo, cumpridor das leis, defensor dos direitos, injustiçado em sua *dignitas*.

PROF. DR. HENRIQUE FORTUNA CAIRUS
Proaera/UFRJ/USP

De uisu hipocrático: o mundo nos olhos

A comunicação pretende apresentar o opúsculo *De uisu*, que integra o Corpus *hippocraticum*, a partir da idéia de que esse texto reflete a importância do olhar na cultura grega. Pretende-se destacar, no texto, as especificidades terapêuticas em que se lança um olhar sobre o olhar, sugerindo, assim uma meta-ecfrase.

HENRRIQUE VERRI FIEBIG
IAC/USP/IC
Bolsa de IC/FFLCH

Orientador: Paulo Martins

Monumenta uerbalia: uma análise do corpus latino da obra “As fontes escritas antigas para uma história das artes plásticas entres os gregos” de Johannes Adolf Overbeck.

O presente estudo pretende analisar, a partir de excertos retirados do *corpus* latino da obra “As fontes escritas antigas para uma história das artes plásticas entres os gregos”, de Johannes Adolf Overbeck, as peculiaridades descritivas dos textos selecionados pelo autor, e pensar a importância das fontes escritas no âmbito do estudo das artes figuradas, bem como a relevância deste tipo de compilação “para uma história das artes plásticas entre os gregos”.

PROFA. IRENE CRISTINA BOSCHIERO
IAC/USP/ Doutoranda

Orientador: Paulo Martins

As Imagens do poeta em Horácio

Como que dando a permissão para abrir sua correspondência, em suas cartas, Horácio provoca no leitor o efeito equivalente ao de estar descortinando a intimidade de seu gênio disciplinado. E é com o intuito de vislumbrar de que forma Horácio traça a imagem da fusão do gênio e da técnica (ou seja, do verdadeiro poeta), que o presente trabalho se debruça sobre as Epístolas, obra em que ele se colocará como escritor e crítico literário. O fundo basilar para esse traçado serão as cartas a Floro, a Augusto e aos Pisões. Já seus contornos serão discutidos a partir das considerações horacianas concernentes aos poetas romanos anteriores a sua geração, à educação de um poeta, à conduta ao escrever e criticar uma obra e ao modo de vida mais conveniente àquele que almeja ser coroado com louros.

PROF. DR. JOÃO ANGELO OLIVA NETO
VerVe/IAC/USP
Bolsista Pq - CNPq

Bibliopoemas: a poesia prevista

Se na passagem do VI ao V século a.C. a escrita foi advento catastrófico e, à sua maneira, “revolucionário” para os fundamentos do “mundo arcaico” grego, cujo pilar era a oralidade, não foram menos radicais o advento e a significação do livro, na forma de rolo ou na de códice, no período helenístico grego e no período clássico romano, em que já então era suporte por excelência da poesia. Talvez porque acostumados, a despeito das diferenças, a incluir o *uolumen* e o *codex*, os *pugilares* e os *codicillos* entre os recursos de que dispunham os romanos, já não percebemos o impacto tecnológico que o livro e todos esses instrumentos ligados à escrita causaram nos usuários, nos poetas, ou melhor, na poesia que supostamente apenas continham. Foi tal, foi tão avassalador, que os poetas, como que maravilhados, não puderam deixar de descrever ecfrasticamente, no todo ou em parte, o próprio suporte que nas mãos do leitor estavam contidos os poemas que ele então lia. Ver o livro era ler seus poemas.

Assim sendo, como se verá, todas as qualidades que o poema deveria ter projetam-se *virtualmente* no objeto “livro”.

PROFA. JULIETA ALSINA
Proaera/UFRJ - Mestre em Letras Clássicas
FAPERJ

A discreta ecfrase dietética: a descrição hipocrática do alimento

Este trabalho pretende elencar alguns dos procedimentos descritivos utilizados pelo autor do tratado hipocrático *Da dieta* (especialmente no catálogo de alimentos contido nos capítulos 39 a 56), visando a levantar considerações acerca do gênero discursivo do texto e da sua composição. Foca-se, sobretudo, o aspecto visual da descrição, tentando perceber nessa descrição elementos que evidenciem no texto aquilo que, licenciosamente, chamei de ecfrase, por perceber aí confluências com esse gênero, que terá seu desenvolvimento particular num momento posterior da história da literatura.

LYA GRIZZO SERIGNOLLI
IAC/USP/ Pré-mestrado
FAPESP

Orientador: Paulo Martins

Militia Amoris: uma figura do Amor.

A militia amoris é uma tópica elegíaca que explora os paradoxos do amor e da guerra e compreende uma linguagem permeada por ambiguidades e ironias. Os poetas elegíacos introduzem esse lugar-comum no discurso por meio da recusatio: a negação dos temas épicos e a recusa da guerra em favor da elegia e do ócio. Outros motivos associados a esse topos são o triunfo militar e o seruitium amoris. O Amor, um dos principais deuses associados à elegia romana, ao lado de Vênus e Marte, aparece nessas tópicas como comandante de um exército, que, com suas armas, fere e subjuga suas vítimas, transformando-as em fiéis seguidoras de seu estandarte. O cenário de servidão e combate, rendições e triunfos, tão familiar aos romanos, é mencionado em grande parte dos poemas elegíacos de Propércio, Ovídio e Tibulo, tornando-se um dos principais elementos caracterizadores da elegia romana.

PROFA. DRA. MARLY DE BARI MATOS
PPGLC/ USP

A imagem da criança e uma criança destituída de imagem: considerações sobre a infância nas cartas de Plínio o Jovem

Na correspondência de Plínio o Jovem, a menção à recorrente reprodução de imagens de personalidades evidencia o modo como se utilizavam *artes* como a literatura, a escultura e a pintura na divulgação de padrões de conduta cívica e moral. Partindo do pressuposto de que a imagem valorava quem por ela retratado, oferecendo-lhe a promessa de prestígio imorredouro e de sua perpetuação como modelo a ser seguido, bem como das considerações do autor acerca da *pueritia* ao longo de sua obra, pretende-se discutir os sentidos do termo *imago* e seu emprego na carta VI, 2 para a desqualificação do filho falecido de M. Aquilo Régulo, seu adversário na atividade política e rival na oratória.

PROFA. MELINA RODOLPHO
IAC/ USP/Doutoranda

Orientador: Paulo Martins

Imagem Verbal – Ocorrências da Écfrase na Eneida

O objetivo dessa comunicação é analisar a aplicação da écfrase na *Eneida* – trata-se de um recurso retórico-poético amplamente utilizado na poesia desde Homero. A écfrase é entendida como o processo descritivo que permite pormenorizar o objeto da descrição, produzindo uma imagem verbal.

O repertório ecfástico engloba diversas figuras para conferir vivacidade ao texto. Além disso, o efeito da écfrase depende de um processo imaginativo (fantasia) que permite presentificar o conteúdo da descrição.

Um conceito frequentemente associado à écfrase é a evidência, cuja teorização em Quintiliano permite não apenas estabelecer a relação entre ambas, como também esboçar uma sistematização desses recursos que são constantemente equiparados a outros, ocasionando certa diversidade terminológica.

A partir da análise no poema, pretende-se estabelecer algumas características próprias da écfrase.

PROF. DR. PAULO MARTINS
IAC/ USP

Reflexões sobre a observação e a análise de *imagines* da Antiguidade Clássica

Esse trabalho, antes de ser relativo a um aspecto específico, quer-se geral. Assim, não observa *imagines* e/ou *repraesentationes*, buscando seu esgotamento, seu escopo é metodológico: quais são as possibilidades de observação de imagens verbais e não- verbais na Antiguidade Clássica? Quais categorias e aparatos temos em mãos a fim de produzir uma leitura apta de textos e de figuras em viés homológico? Essas questões, na verdade, norteiam os trabalhos que se desenvolvem no seio do grupo de pesquisa e de estudos IAC, portanto estabelece o elo necessário à organicidade das pesquisas já realizadas ou em curso.

PROF. DR. ROBERTO BOLZANI FILHO
DF/USP

Imagens de Sócrates

A questão concernente ao “Sócrates histórico”, também chamada de “Problema de Sócrates”, diz respeito às dificuldades com que deparam muitos estudiosos, na tentativa de encontrar, no seio de um conjunto de testemunhos díspares sobre o filósofo, as informações historicamente mais fidedignas para a construção do verdadeiro perfil do socratismo. Pelo menos durante os dois últimos séculos, numerosos historiadores da filosofia se debruçaram sobre o tema e chegaram a conclusões variadas, alguns elegendo os textos platônicos como os documentos mais relevantes, outros preferindo o testemunho de Xenofonte, outros ainda voltando-se para Aristóteles ou mesmo para Aristófanos.

Mais recentemente, tem sido possível olhar para esse fascinante problema com cautela. A lembrança de que Aristóteles, na *Poética*, caracterizava a totalidade dos “discursos socráticos” (*lógoi sokratikoi*) como miméticos (1447a28-b13), permitiu a conclusão de que “a questão socrática tem todas as aparências de um falso problema, uma vez que ela se baseia numa falsa compreensão que, por sua vez, acarreta uma falsa interpretação da natureza exata dos testemunhos sobre Sócrates...se o *logos sokratikos* não deve ser lido

nem interpretado como um documento histórico no sentido estrito, mas antes como uma obra literária e filosófica que comporta uma grande parte de invenção, a questão socrática fica desprovida de objeto” (L.- A. Dorion, *Compreender Sócrates*, Vozes, 2006, p. 22-3).

Pretende-se aqui, em consonância com a conclusão acima extraída, pensar os *lógoi sokratikoí*, mais especificamente os textos do *corpus platonicum*, à luz de conceitos básicos da *Poética* de Aristóteles, para sugerir que esses *lógoi* configuram um gênero peculiar, que acolhe características da comédia, e cujo procedimento mimético não pode ser facilmente acomodado a distinções básicas, como aquela entre poesia e história, além de exibirem uma forma muito própria de mobilizar as noções de *éthos*, *práxis* e *diánoia*, bem como suas relações.

ROSÂNGELA SANTORO DE SOUZA AMATO
IAC/ USP/Pré-mestrado

Orientador: Paulo Martins

Co-Orientador: João Angelo Oliva Neto

Eikones de Filóstrato, o velho: um método

Nesta apresentação será lida a tradução do *eikon* 6 – Amores - do livro I dos *Eikones* de Filóstrato. A leitura será acompanhada de comentários que buscarão mostrar os expedientes textuais e retóricos empregados para obtenção dos objetivos expressos em seu prefácio. Serão também apontadas algumas das referências intratextuais que servem como pontos de referência para que o autor proceda à interpretação daquilo que descreve. Isso quer dizer que Filóstrato não se limita ao expediente retórico da écfrase (que passa com ele a constituir um gênero – isto é, se “autonomiza”) e transita entre a descrição e a narração, de forma sutil. Dessa forma, ora nos transforma em ouvintes – que a partir de uma imagem ouvem a narrativa das ações associadas a ela – ora nos transforma em expectadores – que a partir das descrições e narrativas visualizam as imagens que o autor nos quer transmitir.

SIMONE DEMBOSKI TONIDANDEL
IAC/USP/Mestrado

Orientador: Paulo Martins

A imagem de Livia Drusilla/Júlia Augusta em Tácito.

Tácito refere-se à esposa do *princeps* com evidente hostilidade e malícia. De acordo com seus registros, insinua, de maneira sutilmente assertiva, a participação de Júlia Augusta (58 a.C. a 29 d.C.) na morte de seu próprio marido e de Germânico, neto de Augusto e possível sucessor ao trono.

E é exatamente por essa razão que se torna imprescindível levantarem-se as referências textuais, cujos registros denotem características que retratem tal intencionalidade, e configurem as acusações implícitas em sua historiografia. Para tanto, há de analisar-se o tipo de linguagem persuasiva, utilizada por Tácito, que induz o leitor a corroborar suas alegações.

Anotações

This image shows a single sheet of white paper with horizontal ruling lines. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There are no margins, text, or other markings on the paper.

This image shows a single page of white paper with horizontal blue or grey ruling lines. The lines are evenly spaced and run across the width of the page, providing a guide for handwriting practice. There are no margins, text, or other markings on the page.



ISBN: 978-85-7506-179-4